

Oficina de Criação de Canções: uma estratégia pedagógica

Leonardo Stefano Masquio
leo.masquio@gmail.com

Resumo: O processo de criação coletiva de canções como estratégia pedagógica introdutória à vivência e ao aprendizado da composição musical constitui o objeto desse relato de experiência. Isso se dá a partir da reelaboração de estruturas formais, rítmicas, poéticas e melódicas presentes nos sentidos midiáticos e contextualizadas nos repertórios sonoro-culturais de alunos do Ensino Médio. A proposta busca articular e aproximar o fazer artístico do compositor popular contemporâneo a um olhar formativo da música na escola, que estimule a autonomia dos estudantes na gestão do processo de elaboração e reelaboração dos conhecimentos, bem como a autoria na produção dos próprios materiais desenvolvidos.

Palavras-chave: Canção. Composição. Criação Musical. Autonomia. Autoria.

Introdução

A criação coletiva de canções integra uma pesquisa pessoal, iniciada a cerca de dez anos, em diversos espaços formais e não formais de educação. Ao longo desse período foram observadas concepções de ensino e aprendizagem de música com ênfase na reprodução de saberes, ensaios de repertórios conhecidos, paródias e até rearranjos, mas que nem sempre refletiam um pensamento autoral dos alunos.

Optou-se então por uma estratégia introdutória à composição musical, por meio de letras e melodias originais, elaborados a partir de referenciais sonoros dos alunos em sua escuta cotidiana. A proposta estimulava os jovens a vivenciar com maior envolvimento conteúdos como “gêneros musicais”, “conceitos de música”, “parâmetros do som” e “forma musical”, que integram o programa de Educação Musical de Ensino Médio da escola por meio de atividades práticas e criativas.

Em “Arte como experiência”, John Dewey (2010) propõe uma concepção de arte ligada às relações e experiências concretas e atrelada pragmaticamente a construção de sentidos na vida cotidiana. Dessa forma, a experiência estética desvincilha-se de uma concepção artística calcada na ideia de um objeto sacralizado e desvinculado de um contato com a realidade, mas estabelece-se na interação entre objetos de apreciação estética e indivíduos. É nessa interação que de fato pode ou não ocorrer o que chamamos ‘obra de arte’, cujo sentido parte de uma proposição do artista, mas se completa em sua recepção junto ao público. Acreditamos que esses conceitos coadunam com um pensamento contemporâneo de educação,

e com o qual compartilhamos, entendido aqui no sentido de que a busca por uma “experiência singular” (DEWEY, 2010, p. 109) na educação passa, entre outros fatores, pela criação de um ambiente em que os alunos ocupam um papel de protagonismo no processo de seleção e transformação de seus referenciais estéticos em diálogo com suas vivências cotidianas.

No tocante à introdução da composição musical na escola, Viviane Beineke (2007, p.3) já aponta para a crescente demanda por trabalhos tematizando a composição musical nos últimos anos, mas apesar disso, sinaliza que ainda são poucos os estudos que apresentam essa contribuição em uma abordagem para a escola regular.

[...] a necessidade de que sejam investigadas as concepções, tanto do professor como do aluno, que sustentam o trabalho criativo; a importância da pesquisa ser realizada no ambiente de sala de aula; a importância de serem focalizados tanto as relações de interação professor-aluno, como também as discussões próprias ao conhecimento musical, da natureza da composição musical; [...].

No que diz respeito à contextualização, foram 8 grupos de Ensino Médio, com cerca de 15 alunos por turma, em um projeto de 2 meses de duração a cada semestre letivo, totalizando 17 composições. É relevante ainda mencionar o curto espaço de tempo para sua realização dentro da grade regular de horários de Educação Musical no Ensino Médio da escola e as características bastante heterogêneas dos grupos no que se refere a níveis de vivência musical anterior e estudo formal de música. Maura Pena (2012), em “Música(s) e seu ensino” discute o conceito de música no contemporâneo e suas repercussões como ponto de partida para uma prática musical que atenda aos desafios que a educação musical enfrenta hoje na escola regular, bem como apresenta a necessidade de concepções que dialoguem com a diversidade de referenciais e saberes advindos do conhecimento dos próprios alunos. Essa base de pensamento nos auxilia a refletir sobre um problema bastante comum observado por nós na prática, que é o fato de, em muitos casos, os alunos não validarem como música aquilo que criam, por considerarem qualitativamente inferior aos produtos estético-midiáticos com que travam contato. Como desconstruir essa visão que possuem de si mesmos?

Paulo Freire (1996) em “Pedagogia da Autonomia” atenta para uma necessidade de relacionar os saberes curriculares das diversas disciplinas à experiência social que os alunos possuem como indivíduos, distinguindo implicações políticas e ideológicas desse pensamento em contraposição a uma concepção de educação que considera o seu papel como uma mera transmissão de conteúdos. O pensamento de Paulo Freire desestabiliza as hierarquias estabelecidas na sala de aula, oferecendo recursos para problematizarmos as relações professor-

aluno e as maneiras sobre as quais os conhecimentos são organizados e ‘apreendidos’ dentro da prática em sala de aula. Essas questões também estão presentes no projeto de criação de canções em que parte-se de um conhecimento trazido pelo aluno e que é reelaborado por meio da proposição de composição e na interação com os colegas e professor.

Objetivos

Objetivos Gerais

- Ampliar o campo crítico à respeito da diversidade de gêneros musicais e maneiras diferentes de se fazer música.
- Desenvolver reflexões à respeito de sentidos comuns musicais, preconceitos, diferenças culturais e estéticas.
- Vivenciar a autoria na composição de uma canção inédita, buscando a autonomia no processo artístico de gestão coletiva.

Objetivos Específicos

- Criar estruturas poéticas e rítmico-melódicas.
- Improvisar e compor com estruturas e concepções musicais diversas considerando aspectos tais como: parâmetros do som, elementos rítmico-melódicos e harmônicos, texturas, formas e gêneros musicais.
- Experimentar e explorar o potencial sonoro e expressivo de instrumentos musicais, da voz e de outras fontes sonoras.
- Praticar música em conjunto com diferentes formações instrumentais e vocais.
- Perceber as estruturas formais nos materiais compostos.
- Vivenciar e identificar traços característicos dos gêneros musicais selecionados.
- Desenvolver uma postura receptiva diante da diversidade musical relativa aos modos de trabalhar o material sonoro e ao próprio conceito de música.

Metodologia

Como metodologia de trabalho organizamos um cronograma de oito aulas. Os encontros aconteceram nos dois tempos semanais nas aulas regulares de Educação Musical de cada turma. A escolha do espaço utilizado foi a própria sala de música da escola, por possuir alguns instrumentos musicais e boa condição acústica para a realização das composições, ensaios e gravações.

Na primeira aula foi realizado um 'debate' como atividade diagnóstica inicial em formato de conversa, em que os alunos apontaram gêneros musicais que faziam parte de seu universo de gostos e preferências. Também foram citados livremente gêneros que não apreciavam. Muitas vezes, em uma turma, os mesmos gêneros eram citados por alguns alunos como tipo de música de que gostavam e por outros, como que não gostavam. Isso gerou debates para além do gosto musical, sobre música e diversidade, considerando um entendimento do contexto em que aquela manifestação musical foi gerada e à respeito de características que poderiam fazer sentido em um gênero musical e não fazer em outro, possibilitando um olhar mais crítico sobre a validade dos critérios comparativos.

Entremeando o debate inicial acontecia uma 'roda' como em um sarau em que, ao violão, eram tocadas canções sugeridas pelos alunos como representativas de seu universo musical. Quando não cantadas ao vivo, as canções eram exemplificadas em áudio de mp3 de celulares ou outros meios possíveis. A aula era concluída propondo questões sobre como teriam sido compostas as canções que ouvíamos no cotidiano ou sobre quantos já haviam composto uma música e o que achavam do que haviam produzido em perspectiva às músicas que consumiam.

Na segunda e terceira aula foi deflagrado o processo de composição em si por meio da seguinte provocação: "E se nós também fizéssemos as nossas músicas?". Eram aproveitadas as diversas habilidades e interesses dos alunos para que pudessem desempenhar papéis distintos: se um possuía facilidade para propor texto, outro propunha acompanhamentos, e ainda outro sugeria um tema ou desenvolvia um conceito, ideia melódica. Estimulava-se o aprendizado através do intercâmbio de saberes coletivos e possibilidades múltiplas de contribuição.

Para que os alunos pudessem criar maneiras de cantar um determinado trecho eram discutidos e experimentados vários caminhos: iniciar pela letra, por uma melodia, escolher um tema, escolher uma mensagem, gênero musical ou conceito, que se desejava propor intencionalmente com a canção. Quando havia dificuldade em criar alguma frase inicial, eram listadas palavras que serviam como um banco de ideias para gerar mais assunto para o tema em questão.

O processo decisório de seguir por um caminho era coletivo, todos tinham a possibilidade de opinar. Se não gostavam de determinada solução podiam propor outras e eram questionados a argumentar sobre suas opiniões. Aquilo que inicialmente poderia soar com estranhamento era problematizado no sentido de buscar uma compreensão sobre os juízos de valor, preconceitos ou temáticas abordadas. Em alguns casos os alunos escolhiam recomeçar a música, esquecer o material inicial e buscar outros caminhos.

Na quarta e quinta aula, após concluírem a forma da canção iniciou-se um debate e tomada de decisões sobre escolha da instrumentação, execução e interpretação desse material, baseados nos recursos disponíveis, tanto do ponto de vista material quanto humano. As definições aconteciam considerando a afinidade e facilidade com um determinado instrumento, ou o papel que mais os motivava a desempenhar considerando as dificuldades, o resultado sonoro, a mensagem da canção, etc. Os alunos alternavam entre canto e instrumentos até encontrarem um papel com o qual se sentissem mais interessados. Alguns que conheciam mais harmonia ou tinham habilidades técnicas em instrumentos harmônicos colaboravam com acordes. Outros alunos em instrumentos solistas criavam suas frases, ou pesquisavam instrumentos de percussão e ensaiavam a voz. Além disso eram experimentadas tonalidades diferentes da original em que a música havia sido criada, de modo a beneficiar a maior parte do grupo que iria cantar. Nessa etapa as diferenças e intercâmbios de papéis possibilitavam múltiplos tipos de contribuições no processo, considerando tanto a dimensão de participação individual quanto do resultado coletivo que era buscado.

Concluída a etapa de arranjos e definições dos papéis na interpretação da música, seguiam-se na sexta e sétima aula ensaios para o registro final do áudio gravado, que seria realizado na oitava aula. Mesmo sendo um registro ‘final’ tratava-se de uma pré-produção, em que uma música original foi criada, realizado um esboço do arranjo e o registro da ideia completa. Esse material poderia ainda ser retrabalhado de inúmeras formas e em possibilidades diversas de acabamento.

Resultados/Conclusão

Como resultados do projeto foram produzidas 16 canções com letras e melodias originais e realizados registros em áudio de uma pré-produção de todas as músicas no tempo das aulas regulares. Os alunos também puderam conhecer processos de gravação multipista, bem como alguns softwares usados na produção musical. As composições foram reunidas em um songbook virtual intitulado “livro das canções”, com todas as músicas cifradas e disponibilizadas junto com as gravações em um site do projeto.

Acreditamos que a proposta ampliou o repertório artístico e cultural dos alunos no sentido do intercâmbio de saberes, aprendizados e da autoria coletiva. Em “Aprender e Ensinar Música no Cotidiano”, em livro organizado por Jussamara Souza (2009, p.7) são levantados questionamentos a respeito de como a aprendizagem e o ensino musical podem ser compreendidos a partir da perspectiva de teorias do cotidiano, abordando temas relacionados à pesquisa aqui proposta como “[...] novas formas de aprender e ensinar música com ênfase na sociabilidade pedagógico-musical, na socialização musical e novas tecnologias na educação musical”. O estudo também apresenta estudos que evidenciam processos de aprendizado autônomos em que os alunos desenvolvem e formulam suas questões interagindo uns com os outros, mesmo sem a presença de um professor, reelaborando interesses e intenções próprias com a música. Apesar das diferentes concepções, as ideias reunidas nesse trabalho se aproximam das dinâmicas aqui pretendidas: uma prática orientada, com critérios, postura crítica, buscando estruturação e planejamento compartilhado. Compreende-se, nessa perspectiva, o professor como mediador, provocador e não mais como condutor da ação e sequência dos acontecimentos, mas alguém que se coloca a serviço destes.

Referências

- BEINEKE, Viviane. *A atividade de composição musical na educação musical escolar: projeto de pesquisa*. XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina, 2007.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulinas, 2012.
- SOUZA, Jussamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008.